

ABORDAGEM COMPORTAMENTAL DO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – UM OLHAR ODONTOLÓGICO

FERNANDA FONTES DE FREITAS¹; LAURA DOS SANTOS HARTLEBEN²;
MARINA SOUSA AZEVEDO³; LISANDREA ROCHA SCHARDOSIM⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – fernandafontesdf@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – laurahartleben@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marinasazevedo@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – lisandreaks@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado pela dificuldade na comunicação, interação social, padrões estritos e repetitivos de comportamento e interesse, além de alta sensibilidade sensorial. Segundo a ONU, há mais de 70 milhões de pessoas com autismo e os indivíduos com este diagnóstico podem apresentar sintomas variados, de leves a severos, justificando o uso do termo “espectro”. A severidade dos sintomas pode ser classificada em três níveis: *Nível 1 - exigindo apoio*; *Nível 2 - exigindo apoio substancial* e *Nível 3 - exigindo apoio muito substancial* (APA, 2013).

Além disso, dificuldades na higiene bucal e uso de medicamentos contínuos são fatores que tornam o paciente com TEA mais suscetível às doenças bucais, em especial à cárie e à doença periodontal. (SILVA *et al.*, 2019). Adicionalmente, o atendimento odontológico é desafiador, pois o paciente é exposto a diferentes estímulos que podem tornar o momento desagradável, desencadeando reações negativas que impossibilitam exames e procedimentos.

Atualmente, existem várias técnicas de manejo do comportamento não farmacológicas, mas não existe uma única técnica efetiva para todos os pacientes com TEA. A abordagem comportamental requer individualização e compreensão aprofundada do perfil comportamental do paciente, englobando diversas técnicas como: Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS), Análise do Comportamento Aplicada (ABA), Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com déficits relacionados à Comunicação (TEACCH), Ambiente Odontológico Sensorialmente Adaptado (SADE) e reforço positivo (CURI *et al.*, 2022).

Frente a isso, o objetivo deste trabalho foi abordar as técnicas de manejo comportamental não farmacológicas descritas na literatura e relatar a experiência do atendimento odontológico a pacientes com TEA no projeto de extensão Acolhendo Sorrisos Especiais – Faculdade de Odontologia/UFPeL.

2. METODOLOGIA

Este estudo baseou-se na experiência clínica de atendimento a PNE ao longo dos 18 anos de realização de atividades clínicas do projeto de extensão Acolhendo Sorrisos Especiais – Faculdade de Odontologia (FO)/UFPeL e em um levantamento bibliográfico nas bases de dados PubMed, Cochrane e BVS, empregando as palavras-chaves atendimento odontológico, autismo e terapia comportamental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pacientes diagnosticados com TEA representam 11,5% (58) dos 502 pacientes registrados e atendidos no Projeto Acolhendo Sorrisos Especiais. Esse dado pode estar subestimado, pois muitas famílias não apresentam o diagnóstico médico no momento da consulta odontológica. Desses 58 pacientes a maioria é do sexo masculino (82,8%) e a idade variou de 6 a 44 anos. Metade desses pacientes foram encaminhados para atendimento sob anestesia geral em bloco cirúrgico. O principal motivo de encaminhamento ao atendimento hospitalar é a falta de colaboração comportamental para atendimento em ambulatório (REIMER *et al.*, 2023).

Crianças autistas enfrentam dificuldades significativas no momento do atendimento odontológico, incluindo desobediência, hiperatividade, sensibilidade sensorial intensa e ansiedade elevada. Esses comportamentos, juntamente com um perfil neuropsicológico caracterizado por dificuldades na comunicação, apego a rotinas rígidas e dificuldades na compreensão de conceitos temporais, tornam complexa a aplicação de técnicas básicas de gerenciamento de comportamento, como *diga-mostre-faça* e o *controle de voz*. Além disso, a presença de condições psiquiátricas associadas, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, pode agravar a situação, criando desafios adicionais para o cuidador e o cirurgião-dentista na gestão do tratamento (GOYAL *et al.*, 2023).

O ambiente e o manejo devem ser adaptados, a fim de diminuir a ansiedade e comportamentos negativos que impeçam a consulta. A comunicação entre o paciente e a equipe pode ser muito difícil ou restrita, se não houver uma condução específica que atenda as demandas de cada paciente. Conhecer a criança é fundamental (CURI *et al.*, 2022). Em relação à adaptação do ambiente, verificou-se que a dificuldade de criar um ambiente mais reservado e acusticamente mais agradável é uma realidade nos espaços das clínicas da FO. Muitas vezes, o choro ou ruídos de outros pacientes incomodam e desestabilizam os pacientes com TEA.

Quanto à saúde bucal, muitos fatores contribuem para que pacientes com TEA apresentem altos índices de cárie e gengivite. Desde dietas restritivas e cariogênicas a dificuldades em aprender e replicar hábitos saudáveis de higiene bucal (AL-BATAYNEH *et al.*, 2020). O uso de medicamentos controlados gera efeitos colaterais que podem se manifestar na cavidade bucal levando a hipossalivação, hiperplasias gengivais e outras alterações sanguíneas que proporcionam um ambiente suscetível a cárie e doenças periodontais (BRASIL, 2019). Para esses pacientes a prevenção e visitas regulares ao profissional são absolutamente necessárias (SILVA *et al.*, 2019).

Dentro das técnicas de manejo comportamental descritas na literatura para auxiliar no manejo do comportamento de crianças com TEA pode-se destacar: (1) *ABA* - a análise de comportamento aplicada consiste no estímulo e repetição contínua e consistente do comportamento positivo. Tem como princípios entender os interesses do paciente para mantê-lo engajado nas atividades, modelagem das habilidades a serem aprendidas, divisão dessas ações em pequenas instruções visuais fáceis de compreender. (MELATI; INDRIYANTI; SETIAWAN, 2019); (2) *TEACCH* - O programa segue a abordagem de ensino estruturado, organizando o ambiente e atividades para facilitar a aprendizagem e evitar frustrações. Isso inclui a organização do espaço físico, atividades previsíveis e tarefas que promovem independência. O objetivo é desenvolver autonomia e comunicação, principalmente

usando recursos visuais como fotos e linguagem de sinais. (GOYAL *et al.*, 2023); (3) *PECS* - Crianças com autismo, como bons aprendizes visuais, tendem a se beneficiar de instruções repetidas acompanhadas de imagens. O *PECS* foca na comunicação expressiva, ensinando as crianças a iniciarem pedidos e expressar suas necessidades por meio de cartões ilustrados. O *PECS* envolve as crianças entregando uma imagem do item desejado a um parceiro comunicativo em troca do item ou ação, iniciando assim um ato comunicativo dentro de um contexto social (ZINK *et al.*, 2018); (4) *SADE* - Método terapêutico eficaz para lidar com a hipersensibilidade sensorial. Ele é projetado para proporcionar experiências sensoriais estimulantes ou relaxantes a pessoas com deficiências intelectuais graves, resultando em menor ansiedade fisiológica e desconforto sensorial em comparação com o ambiente odontológico regular (CURI *et al.*, 2022). O reforço positivo do comportamento faz parte de todas as abordagens, pois estimula a repetição das ações desejadas, enquanto a apresentação prévia de figuras com as etapas da consulta também é uma estratégia que aparece com frequência nas abordagens gerando previsibilidade, aspecto importante na rotina do paciente autista (MELATI; INDRIYANTI; SETIAWAN, 2019).

Qualquer abordagem requer um relacionamento empático e respeitoso com pais/cuidadores, fonte vital de informações sobre o paciente: gostos, gatilhos, histórico médico e odontológico. Coletar dados via questionário pré-consulta ajuda a prever comportamentos e ajustar técnicas.

A entrevista deve focar nas habilidades e interesses da criança, estimulando a participação dos pais para melhor adesão. Perguntar sobre dor e higiene auxilia na escolha da abordagem (GANDHI; KLEIN, 2014).

4. CONCLUSÕES

Na prática clínica observa-se uma barreira para o atendimento odontológico de pacientes com TEA que deve ser superada através da aplicação de técnicas do manejo do comportamento. A experiência do projeto no atendimento desses pacientes revelou que as técnicas de manejo são realmente efetivas e que quanto mais precoce for o atendimento odontológico há maior possibilidade de adaptação do paciente ao atendimento odontológico. Os estudos revisados oferecem estratégias comportamentais que devem ser escolhidas de acordo com o perfil individual do paciente e seu espectro no TEA e incluem coleta de informações detalhadas sobre o paciente e suas necessidades antes da consulta (previsibilidade), envolvimento dos pais/cuidadores, colaboração de outros profissionais de saúde e utilização de recursos visuais para explicar os procedimentos de forma clara. O emprego dessas estratégias pode contribuir com as experiências odontológicas não hospitalares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-BATAYNEH, O. B. *et al.* Effectiveness of a tooth-brushing programme using the picture exchange communication system (PECS) on gingival health of children with autism spectrum disorders. **European Archives of Paediatric Dentistry**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 277–283, 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5**. [S. l.: s. n.], 2013.

BRASIL. **GUIA DE ATENÇÃO À SAÚDE BUCAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA** Ministério da Saúde. Brasília: [s. n.], 2019.

CURI, Davi Silva Carvalho *et al.* **Strategies used for the outpatient dental care of people with autism spectrum disorder: An integrative review**. [S. l.]: Elsevier Ltd, 2022.

GANDHI, Roopa P.; KLEIN, Ulrich. Autism spectrum disorders: An update on oral health management. **Journal of Evidence-Based Dental Practice**, [s. l.], v. 14, n. SUPPL., p. 115–126, 2014.

GOYAL, Tavisha *et al.* Evidence-based analysis of multi-pronged approaches for education and behavior management of autistic patients in a dental setting. **Special Care in Dentistry**, [s. l.], 2023.

MELATI, Felicia; INDRIYANTI, Ratna; SETIAWAN, Arlette Suzy. Effectiveness of Applied Behavior Analysis (ABA) with regard to tooth brushing in autistic children. **Dental Journal**, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 117–121, 2019.

REIMER, Tássia *et al.* Perfil de pacientes com transtorno do espectro autista assistidos em um centro de referência odontológica. **RSBO**, [s. l.], v. 20, 2023.

SILVA, Mairla Jayane Lopes da *et al.* Pacientes Com Transtorno Do Espectro Autista: Conduta Clínica Na Odontologia. **Revista Uningá**, [s. l.], v. 56, n. S5, p. 122–129, 2019.

ZINK, A G *et al.* Communication Application for Use During the First Dental Visit for Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorders Materiais estruturados para atendimento odontológico do paciente com TEA View project. **Pediatric Dentistry**, [s. l.], v. 40, p. 217–221, 2018. Disponível em: www.openepi.com.